

Colóquio **Socialismos africanos/Socialismos** em África

Comité científico :

Rémy Bazenguissa (IMAF/EHESS), Jean-Philippe Béja (CERI/Sciences po), Maria-Benedita Basto (Paris Sorbonne-IMAF), Pascal Bianchini (CESSMA/Paris7), Alain Blum (INED/EHESS), Pierre Boilley (IMAF/Paris1), Michel Bonnin (CECMC/EHESS), Frederick Cooper (New-York University), Souleymane Bachir Diagne (Columbia University), Mamadou Diouf (Columbia University), Jean-Pierre Dozon (FMSH), Sabine Dullin (Lille3), Babacar Fall (Fastef/Université Cheikh Anta Diop), Odile Goerg (CESSMA/Paris7), Pascale Goetschel(CHS/Paris1), Gilles Morin(CHS/Paris1), Pap N'Diaye (Chsp/Sciences Po), Bernard Pudal (Nanterre Paris-Ouest), Malika Rahal (IHTP/CNRS), Françoise Raison (CESSMA/Paris7), Johanna Siméant (CESSP/Paris1), Fatou Sow (CESSMA/Paris7/Codesria), Sylvie Thénault (CHS/CNRS), Serge Wolikow (Centre Georges Chevrier/Université de Bourgogne)

Comité de organização :

Maria-Benedita Basto (IMAF/Paris4), Françoise Blum (CHS/CNRS), Pierre Guidi (IMAF/Paris1), Héloïse Kiriakou (IMAF/Paris1), Martin Mourre (IMAF/EHESS), Céline Pauthier (CESSMA/Paris7), Ophélie Rillon (IMAF/Paris 1), Alexis Roy (IEDES/Paris1), Elena Vezzadini (IMAF/Paris1)

Apelo a contribuições

« A definição que uns e outros deram da via do socialismo africano mostra que o momento de o definir ainda não chegou » (Bouba Hama *apud* Charles 1965 : 861).

Se este apelo a contribuições existe, é porque as suas autores e os seus autores pensaram, ao contrário da citação, que tinha chegado o tempo não tanto de definir mas de dar aos socialismos africanos e/ou aos socialismos em África o lugar que lhe pertence nas historiografias do socialismo e de África. As histórias do/dos socialismo(s), sejam eles « reais » ou não esquecem sistematicamente a África. Ora, existiram em África numerosos regimes que se reclamaram do socialismo « africano », ou do socialismo « científico », assim como numerosos opositores. E estes últimos procuraram tanto mais a inspiração nos instrumentos teóricos construídos pelo marxismo – ou pela sua vulgata – quanto estes lhes pareciam propor uma teoria da história favorável ao futuro dos povos colonizados. Modelos com pretensões ao « socialismo real » existiram, quer se tratasse da URSS, das repúblicas populares, da China ou Cuba, oferecendo também uma panóplia real ou fantasiada, pronta a servir. Para além destes exemplos estrangeiros que se tentou por vezes imitar ou adaptar, houve também a invenção de um socialismo que se queria específico a África, reflectindo as particularidades do continente, e haurindo no seu passados as suas raízes teóricas.

O colóquio interessar-se-á por toda a África, do Norte e do Sul, do Leste e do Oeste, anglófona, francófona ou lusófona. E pretende ser decididamente interdisciplinar. Não fará das disputas semânticas uma prioridade. O termo « socialista » é ele em si próprio

muito polissêmico, o que tem o mérito de permitir ao mesmo tempo uma apreensão rápida e extensa.

Poderão ser considerados três grandes eixos de reflexão, sendo aconselhável uma articulação entre eles :

I – Corpus

Um interesse por um certo número de objectos será particularmente bem-vindo:

- *Declarações de princípio e emblemas* : Constituições, Cartas, declarações de princípios, congressos, imprensa oficial, adesões à Internacional Socialista, são outras tantas ocasiões de afirmar os princípios socialistas. Mas os textos não são os únicos lugares de declaração do socialismo : estatuária e toponímia, expressões artísticas diversas participam também nesse trabalho de definição. Estátuas de Marx, Engels, Lenine ou Estaline foram erigidas, ruas e praças baptizadas com nomes pedidos emprestados ao panteão socialista.

- *O corpus socialista africano* : Um certo número de textos, emanando seja de líderes no poder seja de opositores, colocaram os seus marcadores doutrinários, isto é, fizeram de doutrina oficial. Será interessante debruçar-se não apenas sobre o que eles exprimiram mas também sobre as suas condições de produção, a sua difusão, sobre o que os seus leitores, quando os tiveram, fizeram.

- *A circulação dos textos* : Quais foram as obras da biblioteca marxista que mais circularam em África?

- *A aprendizagem do socialismo* : Houve em certos países cursos de marxismo, a rádio teve também um papel de educação para o socialismo, assim como o teatro, etc. Em França, até mesmo os membros do Partido Africano da Independência (PAI) tinham de seguir as aulas do Centro de Estudos e pesquisas marxistas (CERM) e da Universidade nova.

Isto leva a colocar outras questões, essenciais, ligadas aliás estreitamente ao *corpus* :

- *A questão das origens intelectuais dos socialismos africanos* : vamos interessar-nos aqui pela questão da formação dos teóricos africanos do socialismo, dos socialismos, e dos enquadramentos dos regimes que se reclamam do socialismo: escolas, estudos, leituras, encontros, redes de jovens, etc. De que fonte bebeu o consciencismo de um Nkrumah, ou o socialismo banto de um Massemba-Débat? As influências puderam ser múltiplas, dos marxismos, do cristianismo social, do agrarismo colonial, do não alinhamento, das revoluções culturais, das vanguardas políticas e estéticas. Será particularmente interessante debruçar-se sobre o maoísmo em África, sobre o porquê do seu sucesso e mais globalmente sobre a relação intelectual, leia-se afectiva ou estratégica com a China. Será do mesmo modo muito interessante analisar a relação que se estabelece com a experiência cubana.

- *Os conceitos operativos* : sabemos que uma parte dos debates recaíram sobre a questão das classes (há ou não classes em África, uma classe operária suficientemente desenvolvida para ser a vanguarda operária, etc?), mas há toda uma outra série de configurações conceptuais que poderíamos interrogar: a articulação entre socialismo e nacionalismo/internacionalismo/panafricanismo, socialismo e laicidade, socialismo e religião, socialismo e modos de produção, socialismo e racismo, socialismo e género, etc...

II- Os « socialismos reais »

Trata-se aqui de interrogar, para além das declarações de intenção, as práticas e as suas relações com o socialismo, estabelecer comparações com os países do « socialismo real» como a URSS, a RDA, a China ou Cuba e outros países da Ásia ou da América latina.

Não se tratando de definir uma lista de critérios que permitam definir uma prática africana do socialismo, eis aqui outras tantas pistas que podem ser interrogadas:

- *Planificação*: poder-se-á por exemplo propor estudos comparados dos Planos, interessar-se pelos peritos como Bettelheim ou Samir Amin que participaram na sua elaboração e colocar a questão dos modelos.

- *Estatização da economia, nacionalizações*

- *Reformas agrárias*

- *Cooperativas*

Todas estas experiências tendo em conta a ligação entre organizações que se reivindicam do socialismo e o seu investimento por grupos sociais específicos (novas ou antigas elites ? linhagens ? jogos de autoctonia ? etc.)

- *Partidos únicos* : Podemos distinguir claramente duas formas segundo uma tipologia que será necessário afinar : o partido de massa onde toda a gente tem o seu cartão e o partido de vanguarda de tipo soviético. Qual foi a ancoragem social destes partidos?

- *Relações internacionais* : os internacionalismos, as vanguardas (políticas e estéticas), as relações mais ou menos estreitas com os povos irmãos.

- *Renovação dos quadros*

-*Revoluções* : cultural, activa...

III- Oposições socialistas

Como é que as oposições que se reclamam do socialismo o praticam? Levantar-se-á em conta as oposições anticoloniais, assim como pós-coloniais. Houve estratégias socialistas de oposição? Estratégias mais especificamente marxistas ou comunistas ? Os partidos comunistas foram muitas vezes proibidos depois das independências. Quais foram

as estratégias de resistência? Poderemos interessar-nos pelos partidos clandestinos a partir das independências como o Partido Africano de Independência (PAI).

Concluindo

Poderemos interrogar-nos se as tipologias visando dar conta das diversas modalidades doutrinárias do socialismo no « Ocidente » podem ser utilizadas no caso africano. Socialismos utópicos (cujo prisma é lato : desde uma forma de socialismo cientista com Saint-Simon até formas religiosas de socialismo com Lamennais, passando pelas experiências comunitárias de um Owen, o federalismo e cooperativismo de um Proudhon etc.), socialismo científico, social-democracia e socialismo « revisionista », estas categorias não poderiam elas ser interrogadas ou repensadas tendo em conta os socialismos africanos ? Ou será necessário, ao contrário, mobilizar outras categorias?

Last but not least, poderemos por fim colocar a questão das heranças contemporâneas desses socialismos.

As propostas de comunicação deverão conter as seguintes informações:

Autor ou autores

Apelido, nome, endereço do primeiro autor, telefone, endereço electrónico

Afiliação institucional

Título da comunicação

Um resumo de 5000 signos, espaços incluídos

Elementos bibliográficos (3-5 referências)

As propostas deverão ser enviadas para o seguinte endereço, antes de 30 de Setembro de 2015

Socialismeafricain@gmail.com

Podem ser em francês ou em inglês

Datas do colóquio:

7-9 Abril de 2015

O comité científico analisará as propostas até 15 de Novembro e as decisões serão anunciadas logo depois.